

# 50<sup>o</sup> Congresso Nacional de Botânica



**PROGRAMA E  
RESUMOS**

*OREOLAPHNE perosa*

*Ocotea porosa* (Nees et Martius ex Nees) Angely. Desenho original da Flora Brasileira (Von Martius, 1866) interpretado em cores por Diana Carneiro, Curitiba, 1998

***Blumenau, 18 a 23 de julho de 1999***

## PROMOÇÃO

SBB - Sociedade Botânica do Brasil    FURB - Universidade Regional de Blumenau  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina    UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense  
HBR - Herbário "Barbosa Rodrigues"    EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

nadas pela atividade de herbívoros. A folha apresenta organização dorsiventral com epiderme simples e cutícula espessa. A cutícula na superfície adaxial forma flanges cuticulares bastante conspícuas. A venação é do padrão broquidodromo com glândulas de disposição laminar. As glândulas se distribuem regularmente no mesófilo. Os estômatos são do tipo estaurocítico e localizam-se na superfície abaxial. Os feixes vasculares são bicollaterais e envolvidos por faixas de esclerênquima. Compostos de natureza fenólica são encontrados no citoplasma de praticamente todas as células. A área foliar média é de 19,18 cm<sup>2</sup> e a espessura total da lâmina de 299,06 µm. Os dados relativos a área foliar e espessura total da lâmina mostram diferenças estatísticas significativas, contudo a porcentagem de área eliminada por herbivoria, em média 43,9% é similar nas amostras dos três locais avaliados. Os dados obtidos revelam similaridade com aqueles relativos a outras espécies de *Eugenia* disponíveis na literatura, revelando contudo caracteres passíveis de utilização na delimitação específica.

### 01.32

**TOLERÂNCIA À INUNDAÇÃO: ANATOMIA ECOLÓGICA DE *Tabebuia avellanedae* Lor. ex Griseb. (BIGNONIACEAE).** Viviane Maria Davanzo-Fabro, Luiz Antonio de Souza Moacyr Eurípedes Medri (Depto. de Biologia/NUPELIA, CCB, UEM - Maringá-PR; Depto. de Biologia Animal e Vegetal, CCB, UEL - Londrina-PR).

Este trabalho faz parte do Projeto "Aspectos da Fauna e Flora da Bacia Hidrográfica do Rio Tibagi" e teve como objetivo verificar as modificações morfo-anatômicas induzidas pelo alagamento em *Tabebuia avellanedae* Lor. ex Griseb. (ipê-roxo). Plantas com 3 meses de idade, foram divididas em 2 grupos (n=5): capacidade de campo e alagado. Após 56 dias, foram confeccionadas lâminas permanentes de raízes secundárias, de raízes diageotrópicas e de folíolos. As análises estatísticas basearam-se na ANOVA e determinou-se a DMS pelo teste de Tukey. Ao microscópio óptico analisaram-se os parâmetros: porcentagem de espaços intercelulares do parênquima cortical das raízes e do parênquima lacunoso dos folíolos; diâmetro das células do parênquima cortical e dos elementos traqueais do xilema das raízes e das células da epiderme adaxial e abaxial dos folíolos; espessura do parênquima cortical das raízes; espessura do folíolo e dos parênquimas paliádico e lacunoso. O único parâmetro que apresentou variação entre plantas dos 2 grupos foi o diâmetro das células da epiderme abaxial dos folíolos. Verificou-se que em raízes diageotrópicas de plantas alagadas havia maior presença de pêlos absorventes, o que pode estar contribuindo para uma absorção mais eficiente de água e íons. Estes e outros aspectos analisados, como fotossíntese e crescimento, mostraram que apesar de não ser altamente tolerante à inundações, *T. avellanedae* adapta-se a curtos períodos de alagamento. Esta relativa tolerância pode ter sido conferida pela sua capacidade de desenvolver estruturas que amenizam os efeitos do alagamento, tais como rachaduras caulinares, lenticelas hipertrofiadas e raízes diageotrópicas. Além disso, como não houve acentuadas variações na anatomia interna de folhas e raízes, alterações metabólicas provavelmente auxiliaram na sobrevivência da espécie durante o alagamento.

### 01.33

**APLICAÇÃO DAS FAIXAS DENDROMÉTRICAS NA DENDROCRONOLOGIA: AVALIAÇÃO DA TAXA E DO RITMO DE CRESCIMENTO DO TRONCO DE ÁRVORES TROPICAIS E SUBTROPICAIS.** Paulo C. Botosso & Mario Tomazello F<sup>o</sup>. (Departamento de Ciências Florestais, ESALQ-USP, Piracicaba/SP.)

A avaliação contínua do crescimento em circunferência do tronco de espécies arbóreas possibilita a determinação do seu ritmo e taxa de crescimento, da periodicidade da atividade cambial e da influência dos fatores climáticos. Dentre os equipamentos disponíveis ao acompanhamento deste crescimento do tronco das árvores, destacam-se as faixas dendrométricas pela precisão na medição de 0.2mm, facilidade de montagem, instalação e manutenção em condições de campo, além do custo baixo e simples operação de leitura. Esses dendrômetros são

confeccionados com fitas de aço inoxidável de 12.7 x 0.15 mm (largura e espessura), dotados de escala graduada em mm e mantidos sob tensão por uma mola de aço de 100 x 8 mm (comprimento e diâmetro) ao redor do tronco das árvores. Com o objetivo de realizar estudos do crescimento em diâmetro, para aplicação em dendrocronologia, foram instalados dendrômetros em 12 árvores de 3 espécies e 3 famílias da Floresta de Terra Firme da Amazônia, com leituras mensais por 18 meses e, mais recentemente, em 148 árvores de 20 espécies florestais e 11 famílias da Floresta Mesófila Semidecídua da região sudeste do Estado de São Paulo, com observação dos estágios fenológicos. No tronco das árvores dos 2 locais, foram feitas aberturas de fendas na casca, induzindo ferimentos nas células da camada cambial, para posterior formação de cicatrizes no lenho e sua datação. Os resultados mostraram que nas árvores de mata de terra firme, a atividade cambial é influenciada pelo estresse de água no solo, nos meses de menor precipitação, com incremento do tronco em circunferência reduzido ou até inexistente. No presente trabalho são discutidos os resultados do crescimento em diâmetro do tronco das espécies em relação às variações climáticas e aplicação em dendrocronologia tropical. (FAPESP)

### 01.34

**CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DE ESPÉCIES DE LEGUMINOSAE CONHECIDAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA COMO "ANGELIM" - PARTE II.** Gracialda C. Ferreira, Regina Célia V. Martins-da-Silva & Joaquim I. Gomes (Lab. de Botânica da Embrapa Amazônia Oriental. e-mail: botanica@cpatu.embrapa.br).

O nome vernacular angelim e variações são utilizados para designar uma madeira da Amazônia brasileira, proveniente de espécies de diferentes gêneros de Leguminosae. Por se tratar de espécies diferentes, essa denominação popular causa confusão e até mesmo prejuízos financeiros na comercialização. Como as características tecnológicas são inerentes a cada espécie, quando se comercializa angelim proveniente de diferentes espécies, o produto final não apresenta homogeneidade na qualidade do produto. A fim de minorar esse problema, vem sendo desenvolvido o estudo da morfologia e anatomia da madeira dessas espécies com objetivo de caracterizá-las e evidenciar diferenças que colaboram na identificação das mesmas. Durante a primeira fase, foram estudadas seis espécies; no presente trabalho foram tratadas mais seis espécies: *Abarema jupunba* (Willd.) Britton & Killip, *Andira inermis* H.B.K., *Bowditchia virgilioides* H.B.K., *Enterolobium schomburgkii* Benth., *Vatairea fusca* Ducke e *V. paraensis* Ducke. As amostras analisadas são provenientes da Xiloteca e do Herbário IAN da Embrapa Amazônia Oriental, bem como de coletas realizadas no município de Belém-PA. As observações dos caracteres morfológicos, mensurações e desenhos foram realizadas a olho desarmado e com auxílio de lente milimetrada e câmara clara acopladas ao estereomicroscópio. As análises macro da madeira estão sendo realizadas com lentes de 10 e 20 X de aumento; as observações e mensurações dos parênquimas, raios e vasos estão sendo realizados com auxílio de lentes micrometradas acopladas ao microscópio óptico. Com exceção de *A. inermis* H.B.K., cujo parênquima axial é zonado em faixas, as demais espécies estudadas apresentam parênquima aliforme e aliforme confluyente. Os raios de *A. jupunba* (Willd.) Britton & Killip são homogêneos e uni a bisseriados e os de *E. schomburgkii* Benth. são homogêneos porém, bi a trisseriados. As espécies *V. fusca* Ducke, *V. paraensis* Ducke e *A. inermis* H.B.K. apresentam raios heterogêneos bi a trisseriados. (Embrapa Amazônia Oriental/DFID/CNPq/PIBIC/CNPq)

### 01.35

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO MORFO-ANATÔMICO E FITOQUÍMICO DAS FOLHAS DE *Tropeolum majus* L., TROPAEOLACEAE.** Silvio M. Franchi Tomoe Nakashima & Yedo Alquini (Curso de Pós-graduação em Botânica, UFPR, Curitiba - PR. email: smiro@cce.ufpr.br.)

*Tropeolum majus* L., (TROPAEOLACEAE) é conhecida popularmente como Capuchinha, sendo utilizada como planta medi-